

Crônica

Cecílio Elias Netto

Por quê? Para quê?

Lisonjeado, aceitei o convite para retornar ao jornalismo impresso. Mas, ainda agora, pergunto-me: "Por quê?" E não sei. E "para quê"? Também não sei. No entanto, algo insistente - no mais íntimo da alma ou no fundo da consciência - teima em lembrar-me que jornalismo é missão. E profissão. Não apenas de ser um profissional de um trabalho, uma atividade em que alguém se especializou. Mas - primordialmente - uma declaração pública, um posicionamento intelectual, espiritual. É, digamos, a profissão de professor.

Numa avaliação mais emocional: jornalismo é uma profissão de crença na vida, no ser humano, na coletividade. Uma profissão de fé. E de esperança. É de uma função impossível, para ele, de ser esquecida: a de cão de guarda de uma comunidade. O jornalista é aquele que a tudo percorre e que se não aprofunda em nada. É um especialista em generalidades. E isso há que o identificar com o homem do povo, de seu povo, da sociedade de que faz parte. Pode e deve referir-se às terríveis tragédias humanas universais. Mas sua principal missão - refiro-me a Piracicaba - está em ladrar, como cão de guarda, contra buracos na rua, em defesa do pobre faminto, contra o trânsito caótico, contra a falta d'água num bairro, contra excessos privados em prejuízo do público, contra injustiças municipais. E em defesa da harmonia coletiva, da convivência respeitosa. Se não se pode transformar o mundo, é absolutamente possível construir uma cidade e fazer, dela, um lugar de viver. De coexistir. De conviver.

Utopia? Sim, é óbvio, é evidente. A utopia é um ideal de realização difícil e, até mesmo, impossível. Mas existe em nossos corações, em nossos desejos. Não parecia impossível o homem chegar à Lua? Pois chegamos. Por que, então, seria impossível construirmos, criarmos uma cidade - Piracicaba - que seja um jardim de delícias, cada

Jornalismo é uma profissão de crença na vida, no ser humano, na coletividade

um de nós plantando sementes, mudas, com um regador na outra mão? Que mais adorável, lógica, necessária, óbvia utopia senão essa de fazermos de nossa cidade um jardim? Onde viver, morar, estudar, trabalhar, amar, procriar e, enfim, morrer?

A fase que vivemos não pode ser entendida como um novo começo ou um fim. É a transição e estamos, sim, num rito de despedida e de iniciação. Nada acabou - pois o passado sempre estará vivo na memória, nas tradições, nas lembranças - e nada começou. É a vida que continua, renovando-se e, por isso mesmo, surpreendendo. O jornal impresso faz parte disso. Não mais terá a missão de noticiar, pois a internet noticia tudo, verdades, mentiras, invenções. O jornal impresso tem a missão de tentar interpretá-las, a missão agora admirável - num tempo em que o pensamento humano está sendo destruído - a imensa missão de pensar. Com o advento da era da robótica, não estamos indo: estamos sendo levados. Para onde?

Essa é, em meu entender, a nova missão do jornal, do jornalista. E, então, me respondo a mim mesmo: voltei porque é minha missão, eis o porquê. E para ajudar a pensar, eis o para quê. O jornalista é, antes de mais nada, um profeta. E o profeta não era apenas aquele santo bíblico, mas, nas cidadezinhas e antes da energia elétrica, um acendedor de lampiões. Acendendo um lampião aqui, outro ali, lá se ia o profeta ajudando a iluminar as cidades. O jornal impresso, portanto, é uma pequena fogueira que fornece, à comunidade, acendedores de lampiões. Devo continuar entre eles.

Cecílio Elias Netto, escritor, jornalista, decano da imprensa piracicabana



A redação das leis

Redigir leis não é tarefa fácil, a exigir conhecimentos técnicos e jurídicos, a par do domínio linguístico.

Leis malfeitas, imperfeitas, cheias de falhas e incorreções, cometidas durante o processo legislativo, são incapazes de gerar efeitos jurídicos, criando dificuldades para o Poder Público e para os cidadãos em geral.

Vamos encontrar, na Lei Complementar n.º 95/1998, uma série de princípios, normas e regras a serem observadas, na elaboração, redação, alteração e consolidação das leis.

Assim, dispõe o art. 11, da lei sobredita, que as normas da lei devem obedecer à clareza, precisão e ordem lógica, utilizando o legislador de orações curtas e precisas, em ordem direta, evitando-se abusos estilísticos e pontuação exagerada.

Estabelece o art. 7º, da lei sob comento, os seguintes princípios: cada lei deve tratar de um único assunto; não pode a lei conter matéria estranha a seu objeto ou que com ele não guarde afinidade, pertinência ou conexão. O mesmo assunto só pode ser disciplinado por mais de uma lei, quando a posterior objetiva complementar a anterior, considerada básica, devendo a segunda fazer remissão expressa à primeira.

Regras básicas são, constantemente, transgredidas pelo legislador, em todas os níveis.

Com frequência, encontramos leis contraditórias, incompletas, confusas, obscuras, ignorando princípios básicos na criação legislativa, com manifesta transgressão à segurança jurídica.

No campo processual a situação é mais grave, haja vista que leis processuais mal redigidas têm influência direta no tempo de duração das demandas, tenha-se em conta que, até se fixe a interpretação correta e adequada, serão necessárias inúmeras petições, recursos e decisões, que acabam dilatando o julgamento do mérito da causa.

Não se podem admitir, como hoje ocorrem, situações de absoluta perplexidade, ficando o intérprete sem saber quais as normas que regem determinando fato, quais estão em vigor, quais foram ab-rogadas ou derogadas, em manifesta transgressão ao princípio constitucional da segurança jurídica.

Não se pode esquecer que o processo é instrumento seguro e confiável, para que as partes tenham prévio conhecimento do caminho a trilhar, direito assegurado à resolução de mérito do conflito.

Frederico Alberto Blaauw é mestre em Direito Comercial, advogado e consultor de empresas, professor de Direito Empresarial

Aleatorium

por: Alê Bragion

Tuiuti: um grito feito pele do tambor

Força, raça, libertação. O povo na praça contra a escravidão. Tambores lavados no sangue sagrado de mãos calejadas de história. Pele de ouro negro, do ouro negro de nossa gente - espírito ancestral maior a encarnar ação, beleza e sabedoria - num reluzir mágico, mítico e místico. Cantos e coros em procissão. Vozes, gargantas e suores materializando o impossível: (u)topos e logos concretos, lugar de palavra e vontade. Giros de saias, gingas em giras, corpos e almas em união. O Quilombo da Favela a sentinelar corações, a romper os grilhões da humilhação e do poder da maldade bruta e crua. Gritos feitos pele de tambor a vibrar a energia mais pura contra o braço armado do feitor, contra a desfaçatez do senhor - e dos senhores - deste engenho-nação.

Não era apenas uma escola de samba, era toda uma na-

ção oprimida por séculos. Não era apenas um desfile, era uma marcha - uma ofensiva dada em nome daqueles que ainda sentem as correntes do preconceito a tentar encarcerá-los nas senzalas do cotidiano. Não era uma noite qualquer, era uma madrugada ritualística - conduzida e embalada pelas entidades guardiãs de um templo do amor universal, recobrinho seus filhos de bênçãos e unções. Nem pagão nem cristão (porque sublime e racial), nem intelectual nem moralista (porque alegre e vivo, porque humilde e contente, porque belo e vigoroso, porque Carnaval). Subversão exigida, necessária, sagração da arte em sua natureza mais antiga, a Vox Populi-Vox Dei, na avenida, não era apenas um canto, não era apenas um samba.

Renascimento urdido na espera de tempos outros que nunca chegam, o que - senão a força de nossa negritude - seria capaz

Ante a trombete rude, o tambor gritando nossas esperanças

de congregar novamente mentes em corações em busca de soluções para as questões mais cruéis de nosso tempo e sociedade. Quem, senão a gente mais simples e bela de nossa gente, seria capaz de tocar fundo, de fazer vibrar com tanta força o desejo de comoção obrigatório para se mudar os rumos da nação. O que, senão a Arte - em sua raiz mais escondida - seria capaz de dizer o que não conseguimos mais dizer pelas vias oficiais da linguagem seca dos dias de semana. Qual melhor forma de denúncia, de protesto, de revolução senão a exercida pela arte do povo - a verdadeiramente genuína arte do povo (original e telúrica como o é).

Expostos vampiros e demôni-

os, capetas e marionetes do tinhoso, prevaleceram sobre eles - da dança sacroprofana do povo - o espírito da graça, do humor e da troça mais dura que as balas e armas dos canhões do exército. Avante tambores da nação! Vozes ao alto! Ante os quartéis, pincéis armados com tinta. Ante a trombete rude, o tambor gritando nossas esperanças.

Grato Paraíso do Tuiuti - que nome melhor para um novo tempo? - por nos mostrar que jamais podemos nos esquecer de quem realmente somos. Grato por nos lembrar que, juntos, podemos mais. Com a força, a sabedoria e a beleza de nosso povo podemos fazer deste país um paraíso, de fato, para todos!

Alexandre Bragion, mestre e doutor em Teoria e História literária pela Unicamp, é músico e professor universitário

Três garrotes na economia brasileira

Valdemir Pires

A economia brasileira vai mal, neste momento de dificuldades de crescimento global e de turbulências financeiras mundo afora: está de joelhos.

Mas o que está sendo feito no país, em termos de política econômica e de reformas estruturais, sob o argumento de que o problema central é o desequilíbrio fiscal, ao invés de permitir que ela se levante, vai derrubá-la de vez. De fato, três garrotes a estão sufocando, com potencial para prostrá-la de vez.

O primeiro garrote é o estreitamento do mercado interno, produzido pela redução da massa salarial (menos empregos e salário médio menor), pelo encolhimento das políticas sociais (deixando os que delas dependem com menor acesso ao consumo), e pelo estancamento do crédito ao consumidor (mais exigências diante da ameaça de inadimplência e aumento da taxa de juros do subsector). A demanda, determinante do crescimento do PIB, passa a depender mais fortemente das exportações, que, para os bens produzidos pelo Brasil (algumas commodities e alguns semimanufaturados), não oferecem condições exuberantes, além de serem muito sujeitas a ciclos. Ademais, essa

dependência oferece elevado risco diante da fragilidade da taxa de câmbio em cenários de forte incerteza, como o atual. Sem um mercado interno robusto, o Brasil ficará, como sempre, (com exceção do período pré-crise de 2008) sujeito a humores e expectativas externos, sobre os quais não tem qualquer controle.

Do lado da demanda, o primeiro garrote é arrojado pela redução das despesas do governo, às voltas com quedas sucessivas na receita tributária e imposição de drásticos cortes orçamentários, não só nas políticas sociais, mas também nos investimentos públicos.

O segundo garrote refere-se às condições de financiamento dos investimentos privados, necessários para a retomada e sustentação do investimento, quando as expectativas melhorarem e os empresários se animarem. No Brasil o BNDES é o financiador quase único dos investimentos, pois o sistema bancário é parcimonioso nessa área, preferindo abocanhar os elevados ganhos que auferem emprestando para o consumo e para o capital de giro, com taxas de juros estratosféricas. Assim, grandes projetos dependem do BNDES, e o seu FINAME auxilia as pequenas e médias empresas, os bancos

O primeiro garrote é o estreitamento do mercado interno, produzido pela redução da massa salarial

comerciais fazendo a intermediação. Tudo isso com dinheiro, também, do FGTS e do PIS/PASEP (algo em torno de 30% do todo), emprestado pelos trabalhadores a uma taxa de juros módica. A redução desse fundo, por conta da queda no nível de emprego e de sua precarização galopante, que produz menores volumes de recolhimento do FGTS, enfraquece o BNDES, ao mesmo tempo em que medidas recentes tendem a elevar a taxa de juros delongando prazo, com que ele trabalha. Os problemas daí decorrentes serão sentidos no momento em que, animada para investir, a economia brasileira depa- rar com falta de oferta de crédito para a aquisição de máquinas e equipamentos e para a construção ou ampliação das plantas industriais.

O terceiro garrote relaciona-se à energia. O tratamento que está sendo dispensado à Petrobras tornará o Brasil altamente vulnerável ao crescimento da demanda

por esta fonte energética, pois o controle sobre produção, estoques e preços, pelo governo, vai desaparecer e, que ninguém se iluda, quando a economia global sair do poço, pode, sim, eclodir outra crise do petróleo, contra as quais os beneficiados pela derrocada da Petrobras estão se precavendo.

Além do equívoco no subsector petróleo, o Brasil comete outro, com o tratamento que tem dado ao subsector de energia elétrica. Ao retomar o crescimento, poderá enfrentar não só apagões, mas também o oportunismo dos investidores estrangeiros que estão se apossando, silenciosamente, da infraestrutura do setor: de relativamente barata, por conta da abundância de fontes, a energia elétrica poderá se tornar muito cara, principalmente com os atuais esquemas que tornam os preços dependentes da relação entre oferta e demanda.

Quem está garroteando assim a economia brasileira? Em benefício de quem? É o Estado o vilão? É o equilíbrio fiscal a causa de tudo isso? Não terá, de fato, tudo isso que está acontecendo, relação com a geopolítica mundial?

Valdemir Pires é economista, professor e pesquisador da Unesp

Perfeccionismo: qualidade ou defeito?

Christian Barbosa

Você se considera perfeccionista? Se sim, tem notado que isso está atrapalhando a sua produtividade? Algumas pessoas ficam tão presas aos detalhes em tudo o que fazem, que acabam se tornando chatas - e não só com os outros, mas também com elas mesmas.

Costumo dizer que existem dois tipos de perfeccionista: o saudável e o neurótico. O saudável normalmente estipula objetivos e os enxerga como um desafio, uma oportunidade de aprendizado; já o neurótico costuma ficar assustado diante das metas, pois tem medo de não conseguir alcançar um resultado satisfatório - muitas vezes, esse medo é a própria causa dos maus resultados. O perfeccionista neurótico fica tão exausto com suas próprias

cobranças, que acaba entregando menos do que poderia.

Outro hábito dessas pessoas é abdicar de tudo - amigos, família, momentos de lazer, hobbies etc. - para se dedicar a algumas atividades por muito mais tempo do que deveriam; e é claro que isso não é saudável. O grande problema é que elas vivem em um mundo paralelo. Sempre que começam a fazer uma atividade, têm o intuito de alcançar o melhor resultado possível. Mas esse resultado nunca vem. Afinal, nada nunca está bom o suficiente, e os neuróticos sempre tendem a achar que podem melhorar algum detalhe. Acontece que a perfeição é relativa: o que representa um bom resultado para um pode não significar a mesma coisa para o outro.

Quando seus esforços não são reconhecidos ou recebem críticas, esses perfeccionistas geralmente se sentem frustrados, ficam estres-

Costumo dizer que existem dois tipos de perfeccionista: o saudável e o neurótico

sados e, além disso, passam a ter menos tempo para se dedicar às coisas realmente importantes. As pessoas com esse perfil costumam deixar que os resultados as definam. Isso é lamentável.

Mas o que você, perfeccionista, pode fazer para deixar de ser neurótico? Primeiro, é preciso entender que esse comportamento rouba o seu tempo e traz infelicidade e decepção, o que pode até desencadear uma depressão. Quando fica muito tempo parado em uma mesma atividade, você, simplesmente, impede a sua própria evolução.

O passo seguinte para se li-

vrar do perfeccionismo destrutivo é celebrar pequenas vitórias e cobrar-se menos. Quando aprende a comemorar conquistas "pequenas", o perfeccionista vai eliminando o hábito da cobrança excessiva. Para os que têm mais dificuldade em se libertar da exigência, encontrar um "anjo da guarda" é uma alternativa interessante. Escolha uma pessoa de confiança para te monitorar e te ajudar a identificar seus exageros.

Acima de tudo, para abandonar esse pensamento tão prejudicial, é fundamental respeitar a si mesmo. A medida mais importante é entender que todos nós temos limitações, e ser perfeito é humanamente impossível.

Christian Barbosa é o maior especialista no Brasil em administração de tempo e produtividade e CEO da Triad OS

O destino de uma nação

O filme alerta com sabedoria para outro ponto essencial: estar sempre disposto a lutar pelo que se acredita

que os elegeu. Dessa maneira, perante a necessidade de tomar uma decisão, seja grande ou pequena, acabam seguindo os mas variados interesses.

O filme alerta com sabedoria para outro ponto essencial: estar

sempre disposto a lutar pelo que se acredita. Perante dificuldades ou reveses, muitas vezes o bom senso - e, muito pior, o senso comum - indicam que fazer acordos e baixar a cabeça sejam as melhores alternativas. Churchill, em sua controversa carreira política não fez isso. E passou à História!

Oscar D'Ambrosio é Doutor em Educação, Arte e História da Cultura e Mestre em Artes Visuais, atua na Assessoria de Comunicação e Imprensa da Unesp